

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONFERÊNCIA DE PETER BLAU

FERNANDO C. PRESTES MOTTA*

A conferência proferida pelo professor Blau em Gramado, na abertura do seminário Teoria Administrativa e Prática da Administração Universitária, resumiu seu trabalho de pesquisa publicado há onze anos nos Estados Unidos sob o título *A organização do trabalho acadêmico*.

Blau faz nesse texto uma ampla análise quantitativa de dados obtidos em mais de uma centena de universidades e faculdades norte-americanas de tamanhos e prestígios variados, sob a ótica do funcionalismo.

Minha forma de ver a problemática organizacional é bastante diversa, partindo do pressuposto de que as organizações constituem tipos históricos que a burocracia, enquanto grupo social emergente, faz prevalecer.

Neste sentido é possível encontrar pontos de contato nessa forma de ver com a obra de Claude Lefort ou Cornelius Castoriadis, muito embora discorde de muitas idéias desses pensadores políticos.

De qualquer modo, entendo que o método funcionalista possibilita a identificação de algumas características e traços fundamentais do tipo de organização que vem se tornando prevalente a partir da Segunda Guerra Mundial.

Dessa forma, não me atento à conferência, mas indo diretamente ao livro que ele sumariza, posso detectar alguns pontos que considero de interesse.

Em primeiro lugar, é importante a constatação de que as universidades apresentem considerável semelhança com outros tipos de organizações, como empresas, sindicatos, etc.

Em segundo lugar, é especialmente digna de nota a constatação dos efeitos burocráticos na vida acadêmica. Assim, por exemplo, o excessivo número de níveis hierárquicos prejudica o trabalho pedagógico pela impessoalidade e pelo excessivo zelo efficientista, que faz sentido na produção em massa, mas não na educação.

Ainda, o uso intensivo da automação torna inevitável a centralização da autoridade na cúpula da universidade, criando problemas de envolvimento e ausência de participação efetiva.

Um outro aspecto interessante diz respeito à maior capacidade de inovação das grandes universidades com relação às pequenas e o fato da padronização salarial relacionar-se ao bom desempenho educacional, na medida em que a competição cede lugar à cooperação. Da mesma forma, fica claro que o único fator decisivo na atração de professores qualificados é o melhor salário.

Merecem igualmente destaque os dados de que o uso de meios mecânicos de ensino exibem uma relação inversa com o término dos cursos e com a conti-

*Professor da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas e da Universidade de São Paulo.

nuidade do processo educacional e da excessiva rigidez na departamentalização do saber levar a um mau desempenho acadêmico.

No Brasil, desde 1968, temos uma universidade que teoricamente goza de muita autonomia em termos acadêmicos, administrativos e financeiros, mas que de fato tem uma autonomia praticamente nula.

A dependência da universidade com relação ao Estado é quase total. Conseguiu-se a proeza de produzir uma universidade elitista, autoritária e acrítica, unindo o pior dos modelos universitários norte-americanos e europeus.

Os salários dos professores universitários fazem desses profissionais sacerdotes ou vendedores de serviços que muito pouco têm a ver com interesses acadêmicos.

A pesquisa num bom número de instituições está vinculada aos níveis de carreira e os recursos, de um modo geral, não são internos, mas vêm de agências governamentais que, evidentemente, num país pobre, podem atender a poucos.

Entendo que existe uma luta pela volta da dignidade acadêmica, por um nível aceitável de correspondência entre modelo formal e real.

Entendo que níveis salariais minimamente decentes são pré-requisitos para nossa função, bem como uma estrutura que privilegie a pesquisa e disponha de fundos para tanto.

Percebo ainda que a universidade brasileira precisa ser mais diferenciada em termos de propósitos, tanto na transmissão quanto na produção de conhecimento.

Uma estrutura voltada para a idéia de formação de profissionais homogêneos, usando uma tecnologia relativamente pouco flexível porque tradicional, só pode ser rígida e pouco eficaz.

Finalmente, quero lembrar que Peter Blau sublinha o fato dos estudantes norte-americanos evitarem as universidades muito hierarquizadas. No Brasil, eles não fogem; mas não fogem porque não têm alternativas.